

O HIZBALLAH E A EVOLUÇÃO DO QUADRO NO ORIENTE MÉDIO

Cmt. Int. Romulo Rodrigues Dantas

Abin

Muitas pessoas, em diferentes ocasiões e contextos, citam Sun Tzu, estrategista militar chinês que viveu no século IV a.C. Por isso seus pensamentos tornaram-se lugar-comum. Mas este texto também será iniciado com um bem conhecido deles: “Conheça seu oponente e poderá vencê-lo”.

Isso porque esse conselho continua atual, especialmente ressaltando-se que o conhecimento deve ser o mais amplo e exato possível; deve ir além dos aspectos básicos relativos a recursos tradicionais de poder – posição geográfica, efetivo, armamento, líderes, táticas, nível técnico; deve alcançar a essência da história, cultura, ideologia, relação com a população e aspectos psicológicos do oponente, a ponto de se conseguir ver e sentir o mundo e a si mesmo a partir da perspectiva dele.

Em se tratando de Oriente Médio, a tarefa de conhecer é desafiadora, pela presença de complexos atores não-estatais, um dos quais, o Hizballah, foco deste texto, identifica-se e é identificado como segmento de uma Nação, e integra formalmente a estrutura administrativa de um Estado.

Embora esteja há mais de 20 anos em atuação e seja mais conhecido em razão de ações extremistas que realiza, foi no conflito militar entre Israel e Líbano de 12 de julho a 14 de agosto de 2006¹ – ocorrido preponderantemente em áreas na fronteira entre esses países, envolvendo forças regulares israelenses seus inte-

¹ Conhecido no Líbano como Guerra de Julho e em Israel como Segunda Guerra Libanesa (consideram que a primeira ocorreu em abril de 1996).

grantes – que o Hizballah se apresentou como notável e proeminente organização do Oriente Médio. Os 34 dias de conflito ocasionaram a morte de mais de 1.500 pessoas; deslocamento de cerca de 1.5 milhão de habitantes; interrupção da normalidade em Israel e no Líbano e reações internacionais diversificadas.

As hostilidades iniciaram-se quando o Hizballah disparou foguetes *Katyusha* e morteiros contra instalações militares e cidades israelenses como manobra diversionista para permitir-lhe entrar em Israel e matar e seqüestrar soldados do Exército. A resposta israelense incluiu ações de bombardeio aéreo e de artilharia; a destruição de infra-estrutura civil; o bloqueio aéreo, naval e terrestre do Líbano e a invasão do sul do território desse país.

Como qualquer fenômeno social, o Hizballah é dinâmico, e não há interpretação única sobre ele. Análises são feitas com foco em diferentes pontos, como a militância da organização, sua transformação de organização paramilitar para partido político (NORTON, 1998), sua ideologia e estrutura organizacional.

Analistas de terrorismo tendem a identificar a gênese do Hizballah em 1982, quando o Líbano foi invado por Israel. Entretanto, é fundamental conhecer o ambiente social no Líbano antes desse fato, para compreender como a organização surgiu.

Os xiitas duodecimalistas são uma das 18 seitas² religiosas oficialmente reconhecidas no Líbano. A distribuição do poder político no país foi feita em consonância com o Pacto Nacional de 1943 – a Constituição de fato libanesa –, com base no censo nacional de 1932 e reflete a composição religiosa do país. O presidente do Líbano e o comandante do Exército são cristãos maronitas, o primeiro-ministro é muçulmano sunita e o presidente do Parlamento, muçulmano xiita.

² Cristãos maronitas, greco-ortodoxos, greco-católicos, ortodoxos armênios, católicos armênios, ortodoxos sírios, católicos sírios, católicos romanos, coptas, cristãos evangélicos (incluindo, batistas, protestantes e adventistas do sétimo dia), caldeus católicos, assírios da igreja do oriente, muçulmanos xiitas, muçulmanos sunitas, ismaelitas, drusos, alauítas e judeus.

Os xiitas residiam preponderantemente em áreas rurais ao sul e no vale do rio Bekaa e, mesmo tendo aumentado a sua população (atualmente representam cerca de 40% da população), permaneceram oficialmente relegados a um status inferior. Por carecerem de representação política adequada tiveram menos oportunidades econômicas, educacionais, sociais, e piores condições sanitárias e de infra-estrutura. Muitos aderiram a partidos nacionalistas, como a Organização para a Ação Comunista e o Partido Comunista Libanês, de ideologia antagônica à teologia xiita, o que evidenciou “sinal de desespero, e expectativa de que pudessem ser a voz política dos xiitas” (HAMZEH, 2004).

Dessa condição e nesse cenário surgiu Musa al-Sadr³, que, em 1959, tornou-se o primeiro líder dos xiitas libaneses. Sob sua liderança, os xiitas começaram a se organizar e buscar sua identidade comum. Al-Sadr criou o *Majlis al-Shii al-Aala* (Alto Conselho Islâmico Xiita), com o propósito de pressionar o governo do Líbano para que melhorasse a representação política dos xiitas.

Em 1974, a resposta do governo foi a criação do Conselho do Sul, destinado a desenvolver regiões xiitas do país. No mesmo ano, al-Sadr instituiu o *Harakat al-Mahroumeen* (Movimento pelos Despossuídos), cujo objetivo era defender a igualdade política. A iniciativa recebeu apoio e apresentou-se aos xiitas como caminho para a melhoria.



Musa al-Sadr

Entretanto, em 1968 a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) passou a utilizar o Líbano como base de ataques contra Israel e, posteriormente, a inserir-se na política e polarizar o país já sectário. As respostas militares de Israel obrigaram as populações xiitas a se mudarem para o norte libanês. Al-Sadr pediu proteção

³ O filho de Musa al-Sadr, Muqtada al-Sadr, é um clérigo xiita iraquiano que, entre 2003-2004, liderou, em Sadr City, na periferia de Bagdá, a resistência à ocupação do Iraque pelos EUA.

governamental para os xiitas e acusou a OLP de instigar a anarquia. Na seqüência, diferenças étnicas conduziram o Líbano à guerra civil, a partir de 1975 (O'BALANCE, 1998). Durante o conflito, al-Sadr estabeleceu sua própria milícia, a *Alfwaj al-Muqawama al-Lubnaniya* – Amal⁴ (Brigadas de Resistência Libanesas). A primeira parte da guerra civil encerrou-se em 1976 devido à intervenção da Síria, que ocupou militarmente o Líbano, e os resultados do conflito afetaram desproporcionalmente os xiitas.

A continuação de ataques da OLP levou à primeira invasão do Líbano por Israel, em 1978. Pressões internacionais forçaram a retirada israelense dois meses depois e tropas da Organização das Nações Unidas (ONU) foram destacadas para a região; mas uma zona tampão israelense foi estabelecida com o apoio do Exército Libanês do Sul – milícia pró-Israel –, contra ataques futuros. Apesar disso, não foram capazes de impedir a infiltração em Israel de militantes da OLP e a introdução, na região, de armas mais letais (BARD, 2007).

Al-Sadr desapareceu em agosto de 1978 e até hoje desconhece-se seu destino⁵. Ele passou a ser venerado como mártir pelos xiitas.

Em 6 de junho de 1982, Israel invadiu outra vez o Líbano e declarou que o propósito era expulsar a OLP do país. Entretanto, considera-se que o motivo tenha sido minimizar a influência da Síria na região e apoiar os partidos políticos que lhe seriam mais favoráveis. Em 1983, a OLP deixou o Líbano e, em 1984, Israel recuou até o rio Awali. De forma geral, Israel logrou êxito militar e neutralizou a oposição à expulsão da OLP do Líbano. Todavia, o desafio passou a ser pacificar a região e torná-la segura em benefício de seus interesses, e o lugar mais difícil era o sul do país, majoritariamente xiita.

⁴ Em árabe, amal significa “esperança”.

⁵ Musa al-Sadr desapareceu durante visita à Líbia. Os xiitas libaneses responsabilizam o líder líbio Muammar al-Qaddafi por seu seqüestro e assassinato. O governo da Líbia afirma que al-Sadr embarcou em um avião com destino a Roma, Itália, fato negado pelo governo italiano. Suspeita-se que tenha sido morto pelo Mossad.

Muitos xiitas saudaram os israelenses como libertadores, gratos pelo fim do domínio palestino. Sem estes, vislumbravam-se desenvolvimento da economia e melhorias sociais. Entretanto, tal relação mutuamente benéfica lastreava-se na expectativa de que a permanência dos israelenses fosse breve. Autoridades israelenses até vislumbravam a possibilidade de cultivarem os xiitas como aliados, o que não ocorreu; ao contrário, transformaram-se em inimigos de Israel (SCHIFF; YAARI, 1985).

Já em 1983, os libaneses perceberam que Israel propunha administrar o sul do país de maneira semelhante àquela usada na Margem Ocidental do Jordão, após a guerra de 1967, qual seja, valer-se da união de comitês populares a milícias treinadas e armadas por Israel para manter a ordem e patrulhar a região e, assim, prevenir o retorno da OLP e a entrada de opositores. Para implementar essa ação, os israelenses pressionaram famílias locais para aderir ao esquema, ameaçando-as de sanções e prisões caso se recusassem. Os xiitas recusaram-se e a cooperação transformou-se em oposição.

Inicialmente, a resistência consistiu de protestos de variadas formas: boicotes a produtos de Israel, ataques a residências de quem colaborava com eles e utilização de explosivos contra militares. Tratou-se de movimento espontâneo, desvinculado de organização específica. Mas, um ano e meio após a invasão, os incidentes nos campos de refugiados palestinos de Sabra e Shatilla e em Nabatiyeh – durante o feriado religioso xiita da *Ashura* –, galvanizaram e disseminaram a resistência aos israelenses. Esses incidentes foram atribuídos aos israelenses, direta ou indiretamente (MACBRIDE, 1983).

Como consequência, o xeique Madhi Shamseddin, clérigo em Beirute, emitiu *fatwa*,⁶ conclamando resistência civil contra Israel.

Nesse contexto, ocorreu a cisão da Amal. Enquanto uma facção propunha manter o Líbano com características seculares, in-

⁶ *Fatwa* é um pronunciamento legal islâmico emitido por especialista no assunto, denominado *Mufti*.

tegrantes radicais desejavam orientar-se pela doutrina revolucionária xiita que havia sido promulgada em 1979 pelo líder iraniano aiatolá Khomeini. Assim, estes passaram a opor-se às políticas moderadas e à participação do seu líder, Nabih Berri, no governo do Líbano – por considerar que isso demonstrava boa-vontade para com Israel – e formaram o Hizballah, o Partido de Deus, cujo manifesto foi tornado público em fevereiro de 1985.



Hizballah logo

No texto, o Hizballah apresentou-se como “movimento jihadista com o objetivo de libertar o território libanês do domínio israelense”. A declaração também indicava que pretendia adotar o modelo iraniano de revolução para instituir a República Islâmica do Líbano e livrar o país de influência ocidental não-islâmica, até mesmo opondo-se à presença das tropas da ONU então presentes no país – majoritariamente francesas e dos EUA –, tidas como “extensão do colonialismo”. O Manifesto orientaria as ações do Hizballah nas décadas seguintes.

A resposta de Israel à crescente influência iraniana no Líbano foi tentar neutralizar a ação de líderes religiosos que a favoreciam. A reação do Hizballah incluiu nova arma: os “homens-bomba”, cujas famílias são sustentadas pela organização.

Na área social, o Hizballah, com recursos doados por pessoas e organizações de variados países e mesmo por governos – destacadamente o do Irã⁷ –, passou a prover escolas, hospitais, farmácias, orfanatos, mercados e clínicas dentárias para as comunidades xiitas, majoritariamente concentradas no sul do país – fronteira com Israel – e na periferia ao sul de Beirute – denominada *dahiya* (“subúrbio”, em árabe). Entre outros, a organização tam-

⁷ Serviços de Inteligência ocidentais estimam que entre 100 e 200 milhões de dólares dos EUA são doados anualmente ao Hizballah pelo governo do Irã, na forma de assistência militar, mercadorias e recursos financeiros. Valendo-se do Hizballah, o Irã aproxima-se do seu objetivo de transformar o Líbano em Estado islâmico, pró-iraniano. Haveria, ainda, evidências de que iranianos também participariam diretamente no planejamento de operações do Hizballah.

bém opera o sistema de coleta e reciclagem de lixo e o programa de reconstrução de residências destruídas durante a presença israelense no país.

Pode-se dizer que o Hizballah substituiu a ação do Estado libanês naquelas comunidades. Transformou-as e deu a elas a possibilidade de se inserir, de participar e ser fator de decisão na estrutura política libanesa. A milícia da organização assegurou aos xiitas essa capacidade. O Hizballah assegurou poder a essa minoria.

De modo geral, a ação do Hizballah reflete-se em mais de 250 mil pessoas, além de, em 2006, ele ser o segundo maior empregador do Líbano, após o governo.

A inserção dos xiitas no processo político libanês foi formalizada a partir de 1992, quando o Hizballah disputou eleições parlamentares e conquistou 23 cadeiras⁸. Foi a primeira organização jihadista a fazer isso. Os anos de resistência e de ação social transformaram-se em apoio eleitoral, e a organização apresentou-se como “voz dos xiitas”. A combinação de falta de esperança, doutrinação política, provimento de benesses sociais, apoio externo e a capacidade da sua liderança⁹ para mobilizar a comunidade xiita com fins políticos definidos, sem a participação do governo do Líbano, foram os ingredientes para o sucesso da organização.

Entretanto, a mudança de eixo do Hizballah não deve ser confundida com moderação. Como ocorreu com outros grupos no Oriente Médio, ela foi uma maneira de a causa e seus integrantes continuarem existindo. O fim da guerra civil libanesa determinou adaptação à conjuntura, e o Hizballah precisou ajustar-se e participar do processo político em formação. Mas ele o fez sem abrir mão de sua milícia e de suas armas.

⁸ O Hizballah elegeu 17 parlamentares representantes de regiões do sul do Líbano e 6, de outras áreas. O Parlamento libanês possui 128 membros. No Executivo, a organização detém titularidade dos ministérios do Trabalho e de Água e Energia.

⁹ O Hizballah é liderado pelo *Shura* (Conselho Consultivo), com sete membros, clérigos, com a finalidade de supervisionar as atividades administrativas, de planejamento e de formulação de políticas. O presidente do Conselho é o Secretário-Geral da organização. Os membros do *Shura* são eleitos pelo *Majlis al-Markazi* (Conselho Central).

Quando das eleições parlamentares de 1992, o xeique Sayyed Hassan Nasrallah já era Secretário-Geral do Hizballah, posição que assumiu após seu antecessor, xeique Abbas al-Musawi, ter sido morto pelos israelenses, em 16 de fevereiro de 1992. Considera-se que a primeira grande decisão de Nasrallah foi ter passado de ações armadas contra Israel, França e EUA a ações políticas. De campanhas incipientes que enalteciam o martírio e os “homens-bomba”, Nasrallah passou a defender o voto¹⁰ como forma de atuação. Atualmente, ele cumpre o quarto mandato¹¹ à frente da organização.



Hassan Nasrallah

Nas comunidades xiitas, Nasrallah é um ícone, carismático, famoso pela oratória e reverenciado como “campeão” e líder.

Nasrallah nasceu em 1960 – o primeiro de nove filhos – num subúrbio cristão de Beirute e passou a integrar o Hizballah por ocasião da invasão israelense ao Líbano, em 1982. Recebeu treinamento nas mais conceituadas escolas islâmicas no Iraque e Irã e, aos 22 anos, tornou-se um dos primeiros líderes de campos de treinamento iranianos.

Credita-se ao Hizballah feito nunca antes conseguido pelos exércitos do Egito, da Síria e da Jordânia: a saída de Israel do Líbano.

Desde 1992, o Hizballah demonstrou algum tipo de contenção armada e, quando Israel saiu novamente do Líbano, em 2000, Nasrallah disse “libertamos o sul; agora, vamos libertar Jerusalém”. Entretanto, as ações restringiram-se à cidade fronteiriça de Fazenda Shebba, disputada por ambos países (ON THE MYTH..., 2005).

¹⁰ “Eles (os ‘homens-bomba’) resistiram com sangue; resista com o seu voto.”

¹¹ A organização alterou seu regimento para permitir que Nasrallah pudesse ser reeleito por mais de duas vezes consecutivas. Críticos afirmam que essa situação enseja centralizar poder numa única pessoa e não na liderança coletiva do Shura.

O Hizballah é, atualmente, a única força não estatal no Líbano, uma violação da Resolução nº 1.559 da ONU¹², que ele recusou-se cumprir. Nasrallah afirmou que a Força Aérea israelense poderia destruir o Exército libanês em poucos dias ou horas, “mas não teria condições de fazer o mesmo com o Hizballah. Exercitamos a guerra de guerrilhas, e o Líbano ainda necessita da fórmula da resistência popular”, afirmou em entrevista à televisão *al-Manar*¹³, de propriedade da organização.

Nasrallah refere-se a bin Laden e ao Talibã com desdém. Em abril de 2006, célula da al-Qaeda no Líbano tentou assassiná-lo. Abu Musab al-Zarqawi, líder da al-Qaeda morto no Iraque em junho de 2006, declarou que o movimento xiita era “inimigo dos sunitas”.

Admitir o uso de ações terroristas é algo difícil para o líder de uma organização que se definiu pela utilização de tais táticas. Foi o Hizballah o primeiro a valer-se de “homens-bombas” islâmicos na era moderna. Também foi o primeiro a realizar ataques múltiplos. A al-Qaeda, o Hamas e grupos iraquianos – sunitas – o imitam.

O assassinato do ex-primeiro-ministro libanês, Rafiq Hariri, em 14 de fevereiro de 2005, em Beirute, atribuído pela maior parte dos libaneses à Síria, agravou a divisão interna no Líbano. Com a saída da Síria, dois meses depois, o Hizballah perdeu apoio político e teve que defender seus interesses de maneira mais direta. Assim, estabeleceu aliança com seu rival xiita, o movimento Amal, do qual foi originado. Essa aliança o fortaleceu politicamente, mas gerou tensões entre os próprios xiitas e outras comunidades religi-

¹²Em 2 de setembro de 2004, a Resolução nº 1.559 do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, entre outros pontos: reiterou apoio em relação à integridade, soberania e reconhecimento das fronteiras internacionais do Líbano; reconheceu o empenho do Líbano em retirar de seu território todas as forças não-libanesas; preocupou-se com a presença de milícias armadas no Líbano, as quais impedem a ação efetiva do governo libanês sobre seu território; reafirmou a importância da ação governamental em todo o território libanês; reafirmou o estrito respeito à soberania, integridade territorial, unidade e independência política, sob única e exclusiva autoridade do governo libanês, em todo o território; e apelou para que fossem desarmadas todas as milícias libanesas ou não atuantes no país.

¹³A *al-Manar* (“o Farol”) foi criada em 1991, com recursos iranianos para a divulgação de mensagens a comunidades xiitas no exterior. Transmite por satélite 24 horas por dia, sete dias por semana.

osas libanesas: cristãos, sunitas e drusos. Caso a Resolução nº 1.559 tivesse sido implementada totalmente, é provável que a polarização das facções a favor e contrárias à Síria se aprofundasse ainda mais.

Até o confronto de julho de 2006 com Israel, Nasrallah acreditaria antever atividade política pacífica para o Hizballah. “Temos ministros, parlamentares, membros de conselhos municipais, líderes sindicais. Se até agora mantemos nossas armas é em razão das constantes ameaças de Israel ao Líbano. Continuar ou encerrar a resistência não altera nossa condição: já somos um partido político completo”.

Ter autorizado que integrantes do Hizballah cruzassem ilegalmente a fronteira israelense, matassem e seqüestrassem soldados está sendo considerado o ato mais grave ocorrido desde a invasão do Líbano por Israel, em 1982¹⁴. Nasrallah o teria planejado, e desviar o foco da reunião do G8¹⁵, que tenderia a ser o programa nuclear do Irã, foi tido como o motivo principal.

Ao iniciarem os ataques contra objetivos israelenses utilizando métodos e momento semelhantes, Hamas¹⁶ e Hizballah evidenciaram coordenação até então desconhecida. Ainda que para muitos a ação tenha se caracterizado como “solidariedade com o povo palestino” e “coincidência divina”, EUA e Israel acusaram a Síria e o Irã de tê-los apoiado.

Nasrallah teria viajado a Damasco para reunir-se com o chefe político do Hamas exilado na Síria, Khaled Mashaal¹⁷ pouco

¹⁴ Pela primeira vez em 50 anos, o Hizballah e o Hamas transferiram um conflito árabe-israelense para o território de Israel, contrariando a doutrina militar israelense de combater e vencer seus inimigos em solo estrangeiro.

¹⁵ Realizada em São Peterburgo, Rússia, de 15 a 17 de julho de 2006. Reuniu chefes de estado e de governo da Alemanha, do Canadá, dos EUA, da França, da Itália, do Japão, do Reino Unido e da Rússia e de autoridades da Comunidade Européia. Brasil participou como convidado.

¹⁶ Em represália a prisão por Israel de Osama e Mustafa Muamar, filhos de um quadro do Hamas, 8 integrantes da organização – provavelmente vinculados à Brigada Ezzin al-Qassam – atacaram Israel com foguetes. Em 25 de junho de 2006 invadiram o território israelense a partir de Gaza, mataram 2 soldados, feriram 4 e seqüestraram Gilad Shalit.

¹⁷ No dia 10 de julho de 2006, em Damasco, Mashaal assumiu total responsabilidade pelo seqüestro do soldado israelense Gilad Shalit, a quem denominou “prisioneiro de guerra”.

antes da ação contra Israel, sugerindo conexão entre as operações. Conectadas ou não, as ações aproximaram as organizações de modo que só ocorrera em 1992, quando mais de 400 prisioneiros do Hamas foram deportados por Israel para o sul do Líbano. Foi nessa fase que militantes do Hamas receberam do Hizballah treinamento em explosivo, segundo a Inteligência israelense.

Embora possível que as operações tenham sido realizadas de forma estrategicamente coordenada – ainda que Hamas e Hizballah tenham agendas e objetivos próprios e, teoricamente, não coordenem suas ações militares –, não há evidências de que Irã e Síria tenham atuado operacionalmente. Ziad Abu Amr, membro independente do Legislativo da Palestina e que freqüentemente atua como mediador entre o Hamas e outros grupos palestinos, acredita ter sido possível a coordenação. Ele também afirma que “o Irã quer atingir os EUA e está utilizando o Hamas e o Hizballah para isso, e os palestinos ficaram contentes ao saberem que têm outro aliado nessa luta”. Para Amr, o Hizballah está ainda enviando uma mensagem aos EUA em nome de seus aliados regionais, Síria e Irã: “se formos pressionados, causaremos problemas”.

Um mês antes do conflito, Nasrallah estava na defensiva e sob pressão para desarmar-se e deixar o Líbano. Ele era tido como “as garras” da Síria e do Irã. Atualmente, é considerado figura controversa e agente de transformação do Oriente Médio. E é provável que ressurgirá reforçado e com mais credibilidade, inclusive entre setores sunitas – que são parte de classes dominantes em países árabes¹⁸ –, mas não de modo explícito.

O conflito de julho de 2006 transformou a imagem do Oriente Médio. Não é mais suficiente pensar a região de modo tradicional, com abordagem na qual organizações consideradas terroristas

¹⁸ Estimava-se que a ação do Hizballah contra Israel pudesse angariar apoio formal de governo de países árabes. Entretanto, ocorreu o contrário, provavelmente motivados por interesses próprios ou relutantes com a possibilidade de que os governos xiitas do Irã e Iraque combinados com a influência xiita no Líbano pudessem ocasionar desestabilização dos governos preponderantemente sunitas da região. Analistas políticos também consideram que ao menos momentaneamente o provérbio árabe “inimigo do meu inimigo é meu amigo” prevaleceu sobre a idéia do pan-arabismo.

agiriam na “sombra”, não teriam “imagem pública”, e governos buscariam desassociar-se delas.

No passado, o poder militar estatal erradicou grupos radicais. Nos anos 80, por exemplo, o Sendero Luminoso dominava partes do Peru, até ser perseguido e ter os principais líderes presos ou mortos. Entretanto, credita-se esse sucesso não apenas à ação das forças de segurança peruanas, mas à própria evolução política do país e à redução do apoio a ideologias revolucionárias na região.

Mas esse não é o caso no Oriente Médio, onde o Islã radical, nacionalismo étnico-religioso e “jihadismo” são crescentes e atuais. As vitórias eleitorais do Hamas e do Hizballah são conseqüências disso. No Egito, também é crescente a popularidade da *Gamaat Al Islamiya*, a Irmandade Muçulmana.

Houve situações em que Estados negociaram com grupos radicais. O Reino Unido, com o IRA; a Espanha, com o ETA basco; o governo do Iraque, com setores da oposição – exceto a que é orientada pela al-Qaeda. Esse é provavelmente o caminho para o Oriente Médio. Já que as campanhas militares não têm proporcionado as respostas mais eficazes; o foco deve ser em como diminuir o apelo das mensagens radicais.

Na análise de Maham Abedin, especialista em grupos islâmicos radicais do Centro para o Estudo do Terrorismo e Violência Política, em Londres, “Hizballah e Hamas são fatores que devem ser considerados no Oriente Médio, no médio e longo prazos. Israel pode enfraquecê-los e impedir que ataquem seu território. Mais do que isso implica efeitos colaterais que incluem simpatia de outros países árabes, e isso é mais forte do que o ‘soco’ israelense”.

Para Brian Jenkins, especialista da Rand Corporation, em Washington DC, “Israel não reduzirá ameaças de longo prazo de movimentos islâmicos radicais. E sempre que utiliza força desproporcional apenas fortalece seus inimigos e perde apoio popular”.

A experiência e a trajetória dos EUA no Iraque têm alguma semelhança com o que ocorre no Líbano. Ainda que tenham conseguido reduzir a capacidade operacional da al-Qaeda e de não haver poder militar que o supere, a presença dos EUA e de seus aliados não tem sido suficiente para impedir ou, ao menos, reduzir ações radicais de segmentos da população e a atração de jovens dispostos a realizá-las.

Para Mark Juergensmeyer, especialista em 'Novo Terrorismo' da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, "grupos terroristas se vêem em batalhas cósmicas, de dimensões religiosas. E até mesmo gostam de lutas abertas e de longa duração. Sentem-se cercados é exatamente o que querem e os motiva".

Assim, considera-se ser prioritário pensar estratégias mais amplas para o cenário político.

A história evidenciou que as campanhas israelenses de ocupação do Líbano tiveram papel decisivo para o surgimento de novos inimigos. Analistas crêem que o conflito de 2006 e as tentativas do país de tentar "ajustar" a sociedade libanesa a seu favor gerou ações¹⁹ e inimigos ainda mais hostis ao Estado judeu.

A evolução do quadro no Oriente Médio modifica e redefine as forças que tradicionalmente caracterizavam a área. E, apesar dos esforços para divulgar e implementar valores democráticos,

¹⁹ Em 22 de setembro de 2006, durante concentração popular em Beirute denominada "manifestação da vitória", Nasrallah – em seu primeiro discurso público feito após o conflito – afirmou não existir nenhum Exército no mundo que possa obrigar o Hizballah a desarmar-se, mas que a organização não estará permanentemente armada. Nasrallah justifica afirmando ser necessário resolver a incapacidade do Exército libanês de defender o país. Nasrallah defendeu a unidade nacional e reafirmou que a resistência previne o ressurgimento da guerra civil no Líbano. Autoridades israelenses ressaltaram que "Nasrallah não só lança uma afronta ao Governo do Líbano, mas a toda a comunidade internacional, que não pode permitir esta cusparada extremista financiada pelo Irã na cara da comunidade de nações civilizadas." Nasrallah ressaltou que "a primeira coisa que é preciso fazer é construir um Estado forte, justo, que proteja a pátria e seus cidadãos, e vocês verão que o problema das armas se resolverá." Cerca de 800 mil pessoas, a maioria xiitas, participaram da manifestação. Em 24 de setembro de 2006, o líder cristão maronita Samir Geagea realizou manifestação pública e, em tom de desafio, negou que o Hizballah tivesse sido o vencedor no confronto com Israel. Geagea destacou que "não houve vitória, porque a maioria do povo libanês não percebe essavítoria e nem foi consultada se desejava o conflito; em vez disso, uma catástrofe unilateralmente provocada faz o presente e o futuro incertos", afirmou, destacando a divisão étnica no Líbano. Geagea foi líder da milícia cristã Forças Libanesas (FL).

têm sido constatado acirramento de disputas e aprofundamento de divisões.²⁰

É possível que o “tribalismo”²¹ que caracteriza a cultura local – e não “extremismo” – seja a maior barreira aos conceitos ocidentais de democracia vislumbrados para o Oriente Médio.

A história recente demonstra que Israel – como qualquer ou outro país – não consegue vencer redes terroristas de modo permanente e, sim, apenas reduzir por algum tempo a capacidade de elas operarem. Mas, tem conseguido deter Estados. Por exemplo, apesar de a Síria e o Irã afrontarem Israel, nenhum deles realizou o que o Hizballah fez.

Por isso, é provável que na ótica de estrategistas israelenses livrar o Líbano e Palestina de atores não-estatais indesejáveis seja a maneira de fortalecer seus governos e, assim, proteger Israel. Entretanto, a desordem que as ações militares israelenses criaram no Líbano potencialmente “nutrem” a solidariedade de outros grupos e podem comprometer o futuro dos dois países.

Hamas, Hizballah, Irã e Síria são atores que têm a intenção de alterar o cenário geoestratégico do Oriente Médio, e não estão à margem de processos políticos locais. O primeiro constitui o governo eleito da Autoridade Palestina; o segundo integra o Parlamento e a estrutura ministerial libaneses; e o terceiro e quarto são Estados soberanos.

²⁰ Em 24 de setembro de 2006, vazaram para a imprensa informações sigilosas contidas na Estimativa Nacional de Inteligência (National Intelligence Estimate – NIE) produzida em abril de 2006 pelo Conselho Nacional de Inteligência dos EUA. A NIE apresenta a formuladores de políticas a visão consensual das 16 agências que compõem a Comunidade de Inteligência. Segundo o documento, a ameaça terrorista aumentou desde 11 de setembro de 2001 e cita que a invasão do Iraque piorou o problema representado pelo terrorismo em todo o mundo e ensejou o surgimento de nova geração de extremistas islâmicos. (MAZZETTY, 2006).

²¹ O “tribalismo” deriva da mais antiga organização social, cujas virtudes são obediência, fidelidade, orgulho, respeito pelos ancestrais, hostilidade para com estrangeiros e disposição para matar ou morrer pela crença. Os valores do cidadão são sua liberdade e seu desejo de respeitar direitos da comunidade, de sorte a proteger seus próprios. Na hierarquia tribal, desacordo não é tido como dissenso. A tribo existe por si só e permanentemente está em guerra com outras tribos, mesmo se de sua própria raça ou religião. Já o cidadão é um ser autônomo e livre e possui capacidade de avaliar fatos, projetar situações e tomar decisões orientado por sua consciência, sem coerção de autoridade. (PRESSFIELD, 2006).

E nesse contexto, o discurso e as ações do Hizballah são desafiadores e indicam que o mundo deve considerar mudanças no quadro de poder no Oriente Médio.

Referências

BARD, Mitchell. The Lebanon War. In: **Jewish Virtual Library**. Chevy Chase, MD.: American-Israeli Cooperative Enterprise (AICE), 2007. Disponível em: (www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/History/Lebanon_War).

HAMZEH, Ahmed Nizar. **In the Path of Hezbollah**. Syracuse: Syracuse University Press, 2004.

MACBRIDE, Sean. **Israel in Lebanon: the report of the International Commission to enquire into reported violations of international law by Israel during its invasion of Lebanon**. London: Ithaca Press, 1983.

MAZZETTY, Mark. Spy agencies say Iraq war worsens terrorism threat. **The New York Times**, New York, sept. 24, 2006. Late edition, section 1, p.1, column 5.

NORTON, Augustus Richard. Hizballah: From radicalism to pragmatism? **Middle East Policy**, Washington, DC, v. 5, n. 4, jan. 1998. Disponível em: <http://www.mepec.Org/journal_vol5/9801_norton.asp>.

O'BALANCE, Edgar. **The Civil War in Lebanon, 1975-1992**. New York: St. Martin's Press, 1998.

ON THE MYTH that Hezbollah Forced Israel Out. **Emperor's clothes newsletter**, 21 jul. 2005. Disponível em: <<http://emperors-clothes.com/archive/hez.htm#forced>>

PRESSFIELD, Steven. Why we will never see democracy in the Middle East. **ABC News**, New York, 11 set. 2006. Disponível em: < <http://abcnews.go.com/International/story?id=2384603&page=1>>

SCHIFF, Zeev; YAARI, Ehud. **Israel's Lebanon War**. Cambridge Press: London, 1985.



Você sabia?

Que a ABIN agora dispõe de uma Ouvidoria?

A Ouvidoria da ABIN, criada em dezembro de 2005, serve aos públicos interno e externo, podendo ser contatada acessando a homepage da ABIN (www.abin.gov.br) ou pelo telefone (61) 3445-8352. Denúncias, reclamações, sugestões, críticas e etc, podem ser dirigidos à Ouvidoria.

